

AS PROBLEMÁTICAS E REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS ANIMES

36

O mundo dos animes é diverso, cheio de entretenimento e de elementos que muitas vezes causam estranheza ao leitor brasileiro. Quando mulheres são retratadas nessas obras, o choque cultural pode ser ainda maior, levando em consideração o avanço do movimento feminista em terras ocidentais.

O surgimento dos animes e mangás no Brasil

Provavelmente você conhece ou já ouviu falar dos mangás, uma febre entre os amantes da cultura japonesa. O termo surgiu em 1814, pelos mangás de Hokusai, que retratavam esboços de paisagens, da fauna, flora, além da vida cotidiana japonesa, sem deixar de fora também características sobrenaturais, muito presentes nas obras mais modernas em diversos gêneros dessa literatura. Os mangás modernos possuem influência de cartuns ocidentais e quadrinhos clássicos da Disney, sob atuação direta de Osamu Tezuka, autor que definiu as características que hoje vemos como comuns nas páginas dos mangás, como expressões exageradas, grandes onomatopéias, linhas de movimento e enquadramentos emocionantes.

No Brasil, o primeiro mangá lançado se chama Lobo Solitário, de Kazuo Koike, em 1988, adaptado para a leitura ocidental, da esquerda para a direita (os mangás são originalmente lançados para serem lidos da direita para a esquerda, forma de leitura usada em alguns lugares do oriente). Nos anos 2000, os mangás começaram a ser lançados na leitura japonesa, após a febre de Dragon Ball Z, que foi transmitido como anime em TV aberta. Entre os mais populares no Brasil, temos: Dragon Ball Z, Os Cavaleiros do Zodíaco, Sailor Moon, Sakura Card Captors, Yu-Gi-Oh!, Naruto, Pokémon, Inuyasha e muitos outros.



A sexualização do feminino

Como qualquer série ou filme, animes possuem vários gêneros que captam a atenção do público de acordo com seus gostos. Para citar alguns, temos os *shoujos*, voltados para o público feminino, de conteúdo muitas vezes romântico, mágico e com super-heroinas; os do gênero *shounen* são direcionados ao público masculino jovem, com lutas, ação e drama; *seinen* é um gênero mais adulto, com assuntos mais sérios e pesados, entre outros tipos de temáticas.

Claro, entre esses gêneros, existem outros que complementam a narrativa ou que existem como *fanservice*, a exemplo do *ecchi*. Diferente do *hentai*, o foco dessa categoria está em um conteúdo com teor sexual, sem cenas de sexo explícitas, mas sim cortes com cenas provocantes, na maioria das vezes (quase sempre) em mulheres. O *ecchi* pode estar presente em vários gêneros, e muitas vezes é aplicado em personagens tidas como menores de idade.

Mesmo sem *ecchi* incluso entre as categorias do anime, ainda em alguns *shoujos* as meninas são representadas com roupas muito curtas e decotadas, às vezes até mesmo com as roupas íntimas de fora, fatores para agradar especialmente o público masculino, o que incomoda muitas fãs brasileiras de animes por serem cenas irrelevantes à história, reforçando a objetificação da mulher.

Nas palavras de BEMLIRO et al (2015), "a objetificação, termo cunhado no início dos anos 70, consiste em analisar um indivíduo a nível de objeto, sem considerar seu emocional ou psicológico". Considerando isso, a coisificação da figura feminina em alguns animes não para por aí: os autores, mais preocupados com a sexualização da personagem, muitas vezes "esquecem" de dar a ela uma personalidade "realista", construindo personagens rasas, sem opinião própria e alienadas à história, dando ao protagonista masculino destaque, inteligência, comicidade e individualidade.



A estereotipização

Mesmo com muitos avanços desde as sufragistas, até o feminismo moderno, a representação da mulher na mídia muitas vezes é deturpada pela idealização da "mulher perfeita", o que é extremamente visível nas produções orientais, incluindo animes. A "namorada perfeita" ainda é aquela que cozinha, boa em afazeres domésticos e em lidar com crianças, sempre com uma clara submissão a um personagem masculino na história; nunca aquela chefe que sabe comandar uma equipe, uma samurai destemida ou até mesmo uma mãe solo.

A deturpação da imagem feminina também se dá por meio da idealização do "corpo perfeito", nos animes sempre com seios fartos, cintura finíssima e quadris largos. Apesar disso, o padrão de beleza japonês opta por uma aparência jovem, com franjas para dar um ar de inocência e ser "kawaii" (fofa), um traço de personalidade prezado pelos japoneses como algo atraente, em que a "meiguice" feminina ganha destaque, fazendo com que mesmo mulheres adultas tentem se encaixar nesse padrão "delicado" e infantil.

38 Dentro do mundo dos animes, também existem categorias de personagens diferenciados por características específicas, como a personalidade *Loli*, que deriva do gênero *Lolicon*. São crianças menores de 16 anos com aparência infantilizada e características físicas claramente sexualizadas, como seios fartos e modo de falar manso, erotizando sua imagem mais ainda com um ar inocente, um tipo que atrai muito o público masculino japonês.

Apesar de em 2014 o governo do Japão ter decretado uma lei que proíbe e penaliza a posse de conteúdos (fotos e vídeos) abusivos de menores de idade, mangás e animes que sexualizam colegiais são legalizados e ainda muito frequentes, permitindo uma "brecha" para a exploração infantil. Alguns autores argumentam que não são crianças reais e sim apenas uma fantasia, alegando que é um direito de livre expressão. A temática é uma polêmica com autores que também não concordam com a erotização desnecessária de meninas e mulheres nessas mídias que possuem tremenda influência em públicos de diversas idades.

Devemos parar de assistir?

Quando estamos dentro da nossa bolha, o mundo todo parece estar evoluindo de acordo com os nossos ideais, mas não é bem assim. A população feminina japonesa é induzida pelos padrões sociais da "dona de casa" a terem poucas ambições em suas carreiras profissionais, genericamente falando, já que uma hora ou outra terão que largar a carreira para cuidar dos filhos e do lar.

Comparando ao Brasil, a cultura japonesa é muito diferente, por isso, esse tipo de conteúdo apelativo é visto lá com olhos diferentes do que estamos abordando neste artigo, apesar de que, aos poucos, não só japonesas, como asiáticas em geral, estão sendo introduzidas e sendo vozes de um feminismo anti-imperialista e anti-patriarcal, com recorte de massa amarela e marrom, incluindo a luta pela xenofobia e erotização de corpos asiáticos no estrangeiro.

Mas a pergunta é: devemos parar de assistir? A verdade é que o machismo e a misoginia estão em qualquer lugar, independente da nacionalidade. Em propagandas, matérias, séries, novelas, filmes e curtas, encontramos resquícios de um passado nebuloso para as mulheres, que inclui escravização sexual, proibição de estudos e de direito ao voto e muitos outros fatos que nos assombram até hoje.

Mas podemos valorizar criações de mulheres, cuja diferença para uma história de mangá/anime escrita e ilustrada por um homem é gritante. Existem obras populares executadas por autoras maravilhosas, que conseguem captar a força feminina muito bem, com criações de personagens extremamente lendárias na história dessa literatura, que dão borboletinhas no estômago de orgulho pela representatividade.



Elas

Apesar da predominância de autores de animes ser masculina, muitas autoras têm destaque por suas obras inesquecíveis, com protagonistas incríveis que conquistaram o coração dos amantes de animes e mangás ao redor do mundo, sem que precisassem apelar ao sexual ou estereotipização feminina. Estou falando de autoras como **Rumiko Takahashi**, criadora de **Inuyasha**, uma das obras do ramo mais aclamadas pelos fãs de animes. Com personagens femininas de destaque como **Kikyou e Kagome**, **Rumiko** construiu um universo de muita fantasia na era feudal, com aventuras emocionantes entre os protagonistas. É um *shonen* romântico, focado em um triângulo amoroso e lutas contra fortes *youkais*.

Para os fãs de *shoujo*, a metódica **Naoko Takeuchi** criou **Sailor Moon**, outro clássico de destaque entre os fãs de anime. **Usagi Tsukino** e suas amigas são protetoras da terra, cada uma regida por seu planeta e donas de poderes mágicos. À frente do seu tempo, **Naoko** aborda assuntos como discriminação sexual, representatividade de gênero e de orientação sexual. Ainda para os amantes de um bom *shoujo*, **Akizuki Sorata**, autora de **Akagami no Shirayuki-hime** (A Branca de Neve de Cabelo Vermelho) criou uma boa história com **Shirayuki**, uma personagem que foge do sistema patriarcal, falando sobre empoderamento feminino.



Existem outras muitas personagens de anime, conhecidas e desconhecidas, que podem inspirar, divertir e emocionar. Conheça mais delas: **Nobara Kugizaki** (Jujutso no Kaizen), **Aisaka Taiga** (Toradora!), **Sango** (Inuyasha), **Tsunade** (Naruto), **Anri Sonohara** - a minha favorita da lista - (Durarara!!), **Morgiana** (Magi), **Shouko Nishimiya** (Koe no Katachi), **Chisuru Hishiro** (ReLife), **Misaki Ayuzawa** (Kaichou wa Maid-Sama!) e várias outras.

Apesar dos apesares, elas existem e estão para ficar. É importante valorizar o trabalho de mulheres que se dedicam tanto para transformar e ressignificar conceitos em meio de um mundo que nos apaga, assedia, sexualiza e discrimina. Estamos presentes. Somos a diferença. Vamos começar? ♡

Rafaela Viana

Otaku perdida em um mundo 3D que não gosta de animes que façam chorar, mas às vezes se perde no personagem. Graduada em Publicidade e Propaganda, especialista em *reality shows*, com experiência em redação publicitária e um tiquinho de ilustração. Atualmente atuando como revisora do Mercadizar. Está ansiosa e espera que você tenha gostado do artigo.

